PARTE I

1

Levou-me muito tempo e precisei de atravessar grande parte do mundo para aprender o que sei sobre o amor e o destino e sobre as escolhas que fazemos, mas a resposta a tudo isto atingiu-me num momento, quando estava acorrentado a uma parede e a ser torturado. Percebi, através dos gritos, que mesmo naquela impotência algemada e ensanguentada, eu ainda era livre: livre para odiar os homens que me torturavam ou para os perdoar. Não parece grande coisa, eu sei, mas no medo e na opressão do cárcere, quando estes sentimentos são tudo o que se tem, aquela liberdade é um universo de possibilidades. E a escolha que se faz, entre odiar e perdoar, pode tornar-se a história de uma vida.

No meu caso, é uma história longa e povoada de personagens. Eu era um revolucionário que perdera os ideais em heroína, um filósofo que perdera a integridade no crime e um poeta que perdera a alma numa prisão de alta segurança. Quando fugi, saltando o muro, entre as duas torres de vigia, transformei-me no homem mais procurado do meu país. A sorte acompanhou-me e voou comigo através do mundo para a Índia, onde me juntei à máfia de Bombaim. Trabalhei como traficante de armas, contrabandista e falsário. Fui preso em três continentes, sovado, apunhalado e passei fome. Fui para a guerra. Enfrentei as armas inimigas. E sobrevivi, enquanto outros, em meu redor, morriam. Eram melhores do que eu, na sua maioria: homens melhores cujas vidas foram destruídas por enganos e desperdiçadas pelo momento errado do ódio, do amor ou da indiferença de alguém. E enterrei muitos desses homens, enterrei-os e lamentei as suas histórias e as suas vidas, como se da minha se tratasse.

Mas a minha história não começa com eles nem com a máfia: remonta àquele primeiro dia em Bombaim. O destino colocou-me ali. A sorte deitou as cartas que me conduziram a Karla Saaranen. E comecei a jogar aquela mão, desde o primeiro momento em que olhei para os seus olhos verdes. Assim

começa esta história, como tudo o resto – com uma mulher, uma cidade e um pouco de sorte.

Do que primeiro me apercebi em Bombaim, nesse primeiro dia, foi do aroma diferente do ar. Poderia cheirá-lo, antes de ver ou ouvir alguma coisa a respeito da Índia, até mesmo quando caminhava ao longo da manga que ligava o avião ao aeroporto. Estava entusiasmado e deliciado com ele, nesse primeiro minuto em Bombaim, fugido da prisão e recém-chegado a um mundo vasto; mas não o consegui reconhecer. Sei agora que é o cheiro doce e suave da esperança, que é o oposto do do ódio; e é o cheiro azedo, abafado, da ganância, que é o oposto do do amor. É o cheiro de deuses, demónios, impérios e civilizações em revivescência e decadência. É o cheiro da pele azul do mar, onde quer que se esteja em Island City, e o cheiro a sangue e metal das máquinas. Cheira a movimento, sono e excrementos de sessenta milhões de animais, mais de metade dos quais são seres humanos e ratazanas. Cheira a sofrimento e à luta pela sobrevivência e aos duros fracassos e amores que produzem a nossa coragem. Cheira aos dez mil restaurantes, cinco mil templos, santuários, a igrejas e mesquitas e aos cem bazares dedicados exclusivamente a perfumes, temperos, incenso e flores acabadas de colher. Karla chamou-lhe o pior cheiro bom do mundo, e tinha razão, claro, naquele seu modo de estar certa sobre as coisas. Mas agora, sempre que volto a Bombaim, é essa a minha primeira impressão da cidade – esse cheiro, acima de tudo – que me dá as boas-vindas e me diz que regressei a casa.

No que reparei em seguida foi no calor. Estive em filas de aeroporto, não cinco minutos após ter estado sob o ar condicionado do avião, e as minhas roupas colaram-se num suor súbito. O meu coração trotou sob as ordens do novo clima. Cada respiração era uma pequena e difícil vitória. Soube depois que nunca pára, o suor da selva, porque o calor que o provoca, noite e dia, é um calor molhado. A humidade sufocante faz de todos nós anfíbios, em Bombaim, água que se respira no ar; aprende-se a viver com isto, e aprende-se a gostar, ou então parte-se.

Depois, as pessoas. Assamese, Jates e Punjabis; as pessoas do Rajastão, Bengala e Tamil Nadu; de Pushkar, Cochim e Konarak; casta de guerreiros, brâmanes e intocáveis; hindus, muçulmanos, cristãos, budistas pársis, jainistas, animista; pele clara e escura, olhos verdes, castanho-dourados e pretos; todos os diferentes rostos e formas daquela variedade extravagante, daquela beleza incomparável, a Índia.

Todos os milhões de Bombaim, e mais um. Os dois melhores amigos do contrabandista são a *mula* e o *camelo.* As mulas transportam a mercadoria

do contrabandista por um posto fronteiriço. Os camelos são turistas insuspeitos que ajudam o contrabandista a atravessar a fronteira. Para se camuflarem, quando utilizam passaportes e identificações falsos, os contrabandistas insinuam-se junto de companheiros de viagem – os camelos, que os conduzirão em segurança e discretamente pelo controlo do aeroporto ou fronteira, sem serem notados.

Naquela altura, eu não sabia tudo isto. Aprendi as artes de contrabando posteriormente, anos mais tarde. Naquela primeira viagem à Índia agia apenas por instinto, e o único artigo que contrabandeava era eu próprio, a minha frágil e perseguida liberdade. Usava um passaporte falso da Nova Zelândia, com a fotografia que retirara do meu passaporte verdadeiro. Tinha eu mesmo feito o trabalho, e não estava perfeito. Tinha a certeza de que passaria numa verificação de rotina, mas sabia que se despertasse suspeitas e alguém conferisse com a Alta Comissão da Nova Zelândia, seria rapidamente descoberto como uma falsificação. Na viagem de Auckland para a Índia, deambulara pelo avião à procura do grupo certo de neozelandeses. Encontrei um pequeno grupo de estudantes que fazia a sua segunda viagem ao subcontinente. Incitando-os a partilhar a sua experiência e sugestões de viagem comigo, estabeleci uma relativa familiaridade com eles, o que nos conduziu em conjunto ao controlo do aeroporto. Os vários funcionários indianos presumiram que eu estaria com aquele grupo descontraído e ingénuo, e proporcionou-me apenas um exame superficial.

Avancei para o sufoco e ardor da luz do sol, fora do aeroporto, intoxicado com a alegria da fuga: outro muro escalado, outra fronteira atravessada, outro dia e noite para correr e me esconder. Fugira da prisão quase dois anos antes, mas a preocupação do fugitivo é a de que se tem de continuar a fugir, diariamente e todas as noites. E apesar de não ser completamente livre, nunca completamente livre, havia esperança e a receosa excitação do novo: um passaporte novo, um país novo e novas linhas de um pavor impaciente no meu rosto jovem, sob os olhos cinzentos. Estava ali, na rua maltratada, sob a abóbada azul do forno do céu de Bombaim. E o meu coração estava tão limpo e sedento de promessas como uma manhã de monção nos jardins de Malabar.

– Senhor! Senhor! – Uma voz chamou atrás de mim.

Uma mão agarrou-me o braço. Parei. Enrijeci todos os meus músculos de lutador e dominei o medo. *Não corras. Não entres em pânico.* Virei-me.

Um homem baixo estava diante de mim, vestido com um uniforme castanho encardido, e trazia a minha viola. Mais do que pequeno, ele era um ho-

mem minúsculo, um anão, com uma cabeça grande, e a inocência assustada da Síndrome de Down nas feições. Estendeu-me a viola.

– A sua música, senhor. Perdeu a sua música, não foi?

Era a minha viola. Percebi imediatamente que a devia ter esquecido perto do carrinho da bagagem. Não conseguia adivinhar como o pequeno homem soubera que me pertencia. Quando sorri o meu alívio e surpresa, o homem sorriu-me também com aquela sinceridade perfeita que tememos e a que chamamos simplória. Entregou-ma, e eu notei que as suas mãos eram espalmadas, como as patas de um palmípede. Tirei algumas notas do bolso e ofereci-lhas, mas ele recuou desajeitadamente nas suas pernas grossas.

– Dinheiro, não. Nós estamos aqui para ajudar isto, senhor. Bem-vindo na Índia! – disse, e trotou para a floresta de corpos no caminho.

Comprei um bilhete para a cidade no Veterans' Bus Service, tripulado por ex-membros das forças armadas do exército indiano. Vi como a minha mochila e saco de viagem eram erguidos para o topo do autocarro e deitados sobre uma pilha de bagagem com precisa e desinteressada violência, pelo que decidi manter a viola comigo. Sentei-me num banco, ao fundo, onde se me juntaram dois viajantes cabeludos. O autocarro encheu-se rapidamente com uma mistura de indianos e estrangeiros, a maioria jovem, e a viajar tão economicamente quanto possível.

Quando quase completo, o motorista recolheu ao seu lugar, exibiu a sua expressão ameaçadora, cuspiu um jacto de sumo vermelho vívido de betel pela porta aberta, e anunciou a partida iminente.

– *Thik hain, chalk!*

O motor rugiu, as mudanças engrenaram com um resmungo e solavanco e arrancámos a uma velocidade assustadora através de multidões de carregadores e peões que coxeavam, pulavam ou se desviavam para o lado a escassos milímetros do autocarro. O nosso condutor, prego a fundo, amaldiçoava-os com astuta hostilidade.

A viagem do aeroporto para a cidade começou numa estrada larga e moderna, ladeada de arbustos e árvores. Assemelhava-se a paisagem limpa e pragmática que circundava o aeroporto internacional da minha terra natal, Melbourne. A familiaridade tranquilizou-me, conduzindo-me a um prazer tal que, quando profundamente interrompido ao primeiro estreitamento da via, o contraste e seu efeito pareciam calculados. A primeira visão dos bairros miseráveis, quando as várias faixas da estrada se transformaram numa só e as árvores desapareceram, apertou o meu coração com garras de vergonha.

Como dunas castanhas e negras, os hectares de bairros estendiam-se da beira da estrada até ao horizonte, como sujas miragens de calor e neblina. Os abrigos miseráveis eram remendos de trapos, pedaços de plástico e papel, esteiras de cana e varas de bambu. Afundavam-se conjuntamente, agarrados uns aos outros, e com estreitas vielas que serpenteavam entre eles. Nada no enorme desalinho se erguia muito acima da altura de um homem.

Parecia impossível que um aeroporto moderno, cheio de viajantes prósperos e decididos, distasse apenas alguns quilómetros desses sonhos esmagados e reduzidos a cinza. A minha primeira impressão foi a de que alguma catástrofe acontecera, e que os casebres eram acampamentos de refugiados para os trôpegos sobreviventes. Compreendi, meses depois, que eram sobreviventes, sim, esses moradores dos bairros miseráveis: as catástrofes que os haviam conduzido ali, vindos das suas aldeias, eram a pobreza, a fome e a chacina. E cinco mil novos sobreviventes chegavam à cidade todas as semanas, semana após semana, ano após ano.

À medida que os quilómetros me iam ferindo e as centenas de pessoas nessa miséria se tornavam milhares, e dezenas de milhares, o meu espírito contorcia-se. Sentia-me sujo pela minha própria saúde e pelo dinheiro nos meus bolsos. E, a senti-lo, é uma culpa dilacerante, o primeiro confronto com o infortúnio da terra. Assaltara bancos, traficara drogas e fora sovado pelos guardas da prisão até os meus ossos se quebrarem. Fora apunhalado e apunhalara também. Fugira de uma prisão dura, cheia de homens duros, da forma mais dura – saltando o muro da frente. No entanto, o primeiro encontro com a miséria esfarrapada do bairro, a dor até ao horizonte, cegou-me. Durante um tempo, como que corri sobre facas.

Então, o fogo lento da vergonha e da culpa irrompeu em fúria, transformou-se numa raiva de punhos cerrados perante a injustiça de tudo aquilo: *Que tipo de governo, pensei, que tipo de sistema permite um sofrimento assim?*

Mas os casebres continuavam, quilómetro após quilómetro, aliviados apenas pelo terrível contraste com os prósperos comércios e com os prédios de apartamentos degradados, cobertos de musgo, dos comparativamente endinheirados. Os bairros continuavam, e a sua absoluta omnipresença venceu a minha piedade de estrangeiro. Fui assolado por uma espécie de milagre. Comecei a olhar para além da imensidão das sociedades dos bairros, observando as pessoas que ali viviam. Uma mulher inclinou-se para escovar o veludo negro acetinado do seu cabelo. Outra dava banho aos filhos com água de um prato de cobre. Um homem conduzia três cabras com tiras vermelhas amarradas às coleiras. Outro barbeava-se frente a um espelho partido. As

crianças brincavam por todo o lado. Os homens transportavam água em baldes. Outros consertavam uma das cabanas. E em todos os lugares para onde olhava, as pessoas sorriam e riam.

O autocarro parou num engarrafamento de trânsito, e um homem emergiu de um dos casebres junto da minha janela. Era um estrangeiro, de pele tão clara como qualquer dos recém-chegados naquele autocarro, embrulhado apenas num pano de algodão em tons de hibisco. Espreguiçou-se, bocejou e coçou inconscientemente a barriga nua. Havia uma indiscutível placidez bovina no seu rosto e postura. Dei-me conta de que invejava aquela satisfação e os sorrisos de cumprimentos que recebia de um grupo de pessoas que passavam, em direcção à estrada.

O autocarro pôs-se mais uma vez em movimento, e perdi o homem de vista. Mas aquela imagem mudou em tudo a minha atitude perante os bairros. Vendo-o ali, tão estranho para aquele lugar como eu, permitiu-me imaginar-me naquele mundo. O que parecera incredulamente estranho e remoto na minha experiência tornou-se subitamente possível, inteligível e, finalmente, fascinante.

Olhei então para as pessoas e vi como eram activas – quanto esforço e energia descreviam as suas vidas. Súbitos e rápidos olhares ocasionais para dentro das cabanas revelaram a limpeza surpreendente daquela pobreza: o chão imaculado e pandas de metal brilhando, empilhadas em asseadas torres cónicas. E então, por fim, vi o que primeiro deveria ter visto – como eram bonitas: as mulheres embrulhadas em vermelho, azul e ouro; as mulheres que caminhavam, descalças, pela emaranhada pobreza do bairro com uma paciente graça etérea; a beleza dos dentes brancos e olhos de amêndoa dos homens; e a camaradagem afectuosa das crianças de membros esguios, os mais velhos brincando com os mais novos, muitos deles carregando nos quadris esbeltos os irmãos ou irmãs, ainda bebés. E, meia hora depois de a viagem de autocarro ter começado, sorri pela primeira vez.

– Isto n'é bonito, não! – disse o jovem ao meu lado, olhando a cena pela janela. Era canadiano, como confirmava a folha de ácer no emblema do blusão: alto e pesado, com olhos claros e cabelo castanho a dar-lhe pelos ombros. O seu companheiro parecia uma versão mais pequena e compacta dele próprio; traziam *jeans* desbotados semelhantes, sandálias e blusões de algodão macio.

– Podia repetir?

– É a tua primeira vez? – inquiriu, como resposta.

Assenti com a cabeça.

– Bem me pareceu! Não te preocupes. A partir daqui, melhora um pouco. Não há tantos bairros, nem nada. Mas isto n'é bom em sítio nenhum, em Bombaim. Esta aqui é a cidade mais vagabunda da Índia, podes crer.

– É isso mesmo! – concordou o mais baixo.

– Mas daqui em diante, há uns dois ou três templos agradáveis e alguns edifícios britânicos bons: leões de pedra e candeeiros de ferro, e assim. Mas isto não é a Índia. A verdadeira Índia é para cima, perto dos Himalaias, em Manali, ou na cidade santa de Varanasi, ou para baixo, na costa, em Kerala. Tens de abandonar a cidade para encontrar a verdadeira Índia.

– Para onde vão vocês?

– Vamos para um *ashram*[1] – esclareceu o amigo –, governado pelo Rajneeshis, em Poona. É o melhor *ashram* do país.

Dois pares de olhos azul-claros encararam-me com a vaga censura, quase acusatória, dos que se convenceram ter encontrado o verdadeiro caminho.

– Fizeste reserva?

– Desculpa?

– Reservaste quarto ou estás apenas de passagem em Bombaim?

– Não sei... – respondi, virando-me de novo para olhar pela janela.

Era verdade: não sabia se queria ficar em Bombaim durante algum tempo ou continuar... para outro lugar. Não sabia e isso não me interessava. Nesse preciso momento, eu era o que Karla uma vez designara como o animal mais perigoso e fascinante do mundo: um homem valente, duro, sem planos.

– Não tenho realmente quaisquer planos. Mas creio que ficarei algum tempo em Bombaim.

– Bem, nós passamos cá a noite e apanhamos o comboio amanhã. Se quiseres, podemos partilhar um quarto. Sendo três pessoas, fica muito mais barato.

Estudei-lhe os olhos azuis sinceros. *Talvez, de início, seja melhor partilhar um quarto,* pensei. Os seus documentos genuínos e sorrisos fáceis encobririam o meu passaporte falso. Talvez estivesse mais seguro.

– E é muito mais seguro! – acrescentou.

– Sim, claro! – concordou o amigo.

– Mais seguro? – perguntei, aparentando uma indiferença que não sentia.

O autocarro movia-se mais lentamente, ao longo de ruas estreitas de edifícios de três e quatro andares. O trânsito fervilhava nas ruas com uma eficiência incrível e misteriosa – uma dança de autocarros, camiões, bicicletas, carros, carros de bois, *scooters* e pessoas. As janelas abertas do nosso decrépito veí-

[1] Na Índia antiga o *ashram* era um eremitério hindu onde os sábios viviam na tranquilidade, entre a natureza. Em muitos aspectos, é análogo a um mosteiro budista. *(N. do T.)*

culo proporcionavam-nos os aromas de temperos, perfumes, fumo dos escapes e estrume de vaca, numa mistura não desagradável de vapores, e as vozes sobrepunham-se, por todo o lado, a murmúrios de música pouco conhecida. Em qualquer canto havia cartazes gigantescos, anunciando filmes indianos. As cores sobrenaturais dos anúncios fluíam por detrás do rosto bronzeado do canadiano mais alto.

– Oh, claro, é muito mais seguro. Isto é Gotham City[2], meu. Os miúdos da rua aqui têm mais formas de te fanar dinheiro do que no casino do Inferno.

– São esquemas de cidade, meu! – explicou o mais baixo. – Todas as cidades são iguais. Não é só aqui. É assim em Nova Iorque, no Rio ou em Paris. É gente reles e estão todos loucos. Esquemas de cidade, 'tás a ver? Visitas o resto da Índia e vais adorar. Este é um grande país, mas com cidades mesmo lixadas, é o que te digo.

– E os malditos hotéis estão metidos na tramóia – acrescentou o mais alto. – Podes ser esfaqueado sentado no teu quarto de hotel a fumar erva. Eles fazem negociatas com os polícias para te prenderem e levarem todo o teu dinheiro. O melhor é mantermo-nos juntos e viajar em grupo, acredita.

– E escapar das cidades o mais rápido possível! – concluiu o mais baixo. – Oh, merda, viste aquilo?!

O autocarro fizera uma curva para uma ampla avenida, delimitada por pedras enormes, que tombavam em direcção ao mar turquesa. Uma pequena colónia de casebres sujos e esfarrapados alastrava entre as pedras como destroços de algum navio escuro e primitivo. As casotas estavam a arder.

– Bolas! Vê-me aquilo! Aquele tipo está a ser cozido, pá! – gritou o canadiano mais alto, apontando para um homem que corria para o mar com as roupas e os cabelos em chamas. O homem escorregou, caindo pesadamente entre as pedras enormes. Uma mulher e uma criança acudiram-no, apagando as chamas com as mãos e as próprias roupas. Outros tentavam apagar o fogo nas suas barracas, ou ficavam parados, de pé, a olhar para as suas frágeis casotas que ardiam.

– Viram aquilo? Aquele tipo já era, digo-te eu.

– Nem mais! – suspirou o mais baixo.

O motorista do autocarro reduziu a velocidade com o restante trânsito para olhar para o fogo, mas logo acelerou, continuando. Nenhum dos carros na atravancada estrada parou. Virei-me para olhar pela janela até que as corcundas carbonizadas das barracas se tornaram pontos minúsculos e o fumo castanho dos fogos apenas um sussurro de ruína.

2 Cidade de ficção, conhecida como a cidade natal de Batman. *(N. do T.)*

No final da longa avenida marginal, voltámos à esquerda para uma rua larga de edifícios modernos. Havia grandes hotéis, com porteiros de libré sob toldos coloridos. Perto deles, restaurantes selectos, coroados com jardins no átrio. O Sol refulgia no vidro polido e nas fachadas de metal dos escritórios de linhas aéreas e outras empresas. Quiosques de rua abrigavam-se da luz da manhã sob amplos guarda-sóis. Os indianos que por ali passavam usavam sapatos fechados e fatos ocidentais, e as mulheres seda cara. Pareciam determinados e sóbrios, de expressão circunspecta, enquanto entravam e saíam apressadamente dos enormes edifícios comerciais.

O contraste entre o familiar e o excepcional estava por todo o lado em meu redor. Um carro de bois parava ao lado de um carro desportivo moderno, num semáforo. Um homem acocorava-se para se aliviar atrás do abrigo discreto de uma antena de satélite. Uma empilhadora eléctrica estava a ser utilizada para descarregar coisas de um carro de madeira antigo, com rodas de madeira. A sensação era a de que um passado trabalhador, infatigável e distante chocara, intacto, contra as barreiras do tempo, rumo ao seu próprio futuro. Eu gostei.

– Estamos quase lá – anunciou o meu companheiro. – O centro da cidade fica apenas a alguns quarteirões. Não é bem o que se chamaria a baixa da cidade. É apenas a zona turística onde a maioria dos hotéis baratos se encontra. A última paragem. Chama-se Colaba.

Os dois jovens retiraram os passaportes e os *traveller's cheques* dos bolsos e meteram-nos por dentro das calças. O mais baixo tirou mesmo o relógio, juntou o dinheiro, o passaporte e outras preciosidades, guardando-os na bolsa marsupial das suas cuecas. Apercebeu-se do meu olhar e sorriu.

– Ei – retorquiu. – Todo o cuidado é pouco!

Levantei-me e abri caminho até à frente. Quando o autocarro parou, fui o primeiro a chegar aos degraus, mas uma multidão de pessoas, no passeio, impediu-me de descer para a rua. Eram angariadores – operadores de rua para os vários hoteleiros, traficantes de droga e outros homens de negócios da cidade – e gritavam-nos, em inglês macarrónico, ofertas de quartos de hotel baratos e outras pechinchas. O primeiro, frente à porta, era um homem pequeno com uma cabeça grande, quase perfeitamente redonda. Trazia uma camisa de ganga e calças azuis de algodão. Pediu silêncio aos companheiros e virou-se para mim com o maior e mais radioso sorriso que eu vira.

– Bons dias, grandes senhores! – cumprimentou-nos. – Bem-vindos a Bombaim! Precisar de baratos e excelentes hotéis, não?

Fitou-me directamente nos olhos, com aquele enorme e constante sorriso. Havia algo naquele sorriso – uma espécie de exuberância malandra, mais verdadeira e entusiasmada do que a simples felicidade – que me atingiu profundamente. Foi coisa de um segundo, a troca de olhares entre nós. O suficiente para me decidir a confiar nele – o pequeno homem com o enorme sorriso. Não o sabia então, mas fora uma das melhores decisões da minha vida.

Vários passageiros, ao saírem do autocarro, começaram a bater e enxotar os angariadores. Os dois canadianos abriram caminho por entre a multidão, sãos e salvos, sorrindo amplamente aos alvoroçados angariadores e agitados turistas. Observando a sua evasiva e o modo como serpenteavam pela multidão, notei pela primeira vez quão bem constituídos, saudáveis e bonitos eles eram. Decidi, naquele momento, aceitar a sua oferta para partilhar o quarto. Na sua companhia, o crime da minha fuga da prisão, o crime da minha existência no mundo era invisível e inconcebível.

O pequeno guia agarrou-me na manga, conduzindo-me para longe do turbulento grupo e para a parte de trás do autocarro. O condutor subiu ao telhado com a agilidade de um símio e arremessou a minha mochila e o saco de viagem para os meus braços. Outros sacos começaram a cair no pavimento, numa ameaçadora cadência de rangidos e estrondos. Quando os passageiros correram para fazer parar a dura chuva dos seus valores, o guia conduziu-me novamente para um local calmo, a alguns metros do veículo.

– O meu nome ser Prabaker – declarou, no seu inglês com sotaque musical. – Qual ser o seu nome bom?

– O meu nome bom é Lindsay – menti, usando o nome que constava no meu passaporte falso.

– Eu ser guia de Bombaim. Muito excelente, número um guia de Bombaim. Toda a Bombaim eu conhecer muito bem. Você querer ver tudo. Eu saber exactamente onde você achar a maioria de tudo. Eu poder mostrar até mesmo mais do que tudo.

Os dois jovens juntaram-se-nos, perseguidos por uma faixa persistente de angariadores exaltados e guias. Prabaker gritou aos seus ingovernáveis colegas e eles recuaram alguns passos, fitando avidamente a nossa colecção de sacos e malas.

– O que eu quero mesmo ver agora – disse eu – é um quarto de hotel, limpo e barato.

– Claro, senhor! – exclamou Prabaker. – Eu poder levar senhor para hotel barato, e hotel *muito* barato, e hotel *muito demasiado* barato, e até hotel barato que *ninguém,* com cabeça boa, *nunca* lá ficar.

– Está bem. Indica o caminho, Prabaker. Vamos lá dar uma olhada.

– Ei, espera um minuto! – interrompeu o mais alto dos dois. – Vais pagar a este tipo? Quero dizer, eu conheço o caminho para os hotéis. Sem ofensa para si, amigo. Tenho a certeza de que é um bom guia, mas não precisamos de si!

Olhei para Prabaker. Os seus grandes olhos castanho-escuros estudavam o meu rosto com divertimento. Nunca conhecera um homem que aparentasse menos hostilidade do que Prabaker Kharre: era incapaz de elevar a voz ou erguer a mão num momento de raiva, e eu senti-o ali, naqueles primeiros minutos com ele.

– *Preciso* de ti, Prabaker? – perguntei-lhe com a expressão meio séria, meio divertida.

– Oh, sim! – gritou em resposta. – Estar mesmo tão precisado que eu quase chorar com sua situação! Só Deus saber que coisas terríveis acontecer, sem eu para bem guiar o seu corpo em Bombaim.

– Eu pago-lhe – expliquei aos meus companheiros. Eles encolheram os ombros e pegaram na bagagem. – Está bem. Vamos lá, Prabaker.

Comecei a levantar o meu saco, mas Prabaker agarrou-o rapidamente.

– Eu levar sua bagagem! – insistiu com delicadeza.

– Não, deixa estar. Eu levo.

O sorriso enorme desvaneceu-se numa careta de protesto.

– Por favor, senhor, ser meu trabalho. É dever de eu. Costas fortes. Nenhum problema, vai ver.

Todos os meus instintos se revoltaram com a ideia.

– Não, a sério...

– Por favor, senhor Lindsay, ser minha honra. Ver as pessoas.

Prabaker gesticulou com a palma da mão virada para cima, indicando aqueles angariadores e guias que haviam conseguido filar clientes entre os turistas. Cada um deles agarrara uma bolsa, mala ou mochila e conduzia o seu grupo entre o fogo anti-aéreo com viva determinação.

– Sim, bem, está certo... – murmurei, confiando no seu juízo. Era apenas a primeira das inúmeras capitulações que, a seu tempo, viriam a definir a nossa relação. O sorriso espalhou-se de novo no seu rosto redondo, e ele lutou com a mochila, ajeitando as correias sobre os ombros com a minha ajuda. A mala era pesada, obrigando-o a esticar o pescoço, inclinando-se e lançando-se para a frente numa marcha sem pressa. Os meus passos mais longos colocaram-me ao seu nível e olhei para aquele rosto em esforço. Sentia-me como o *bwana* branco, reduzindo-o à minha besta de carga, e odiei.

Mas ele ria, aquele pequeno indiano. Tagarelava sobre Bombaim e os locais a visitar, indicando, à medida que caminhávamos, pontos de referência. Falava com amabilidade deferente com os dois canadianos. Sorria e saudava conhecidos, ao cruzar-se com eles. E era forte, muito mais forte do que parecia: nunca parou ou abrandou o passo ao longo da viagem de quinze minutos até ao hotel.

Quatro íngremes lanços num escuro e musgoso vão de escada nas traseiras de um grande edifício frente ao mar conduziu-nos ao *foyer* do India Guest House. Todos os andares tinham uma designação diferente – Apsara Hotel, Star of Asia Guest House, Seashore Hotel –, indicando que o edifício era constituído, de facto, por quatro hotéis diferentes, cada um deles ocupando um único piso, com o seu próprio pessoal, serviços e estilo.

Os dois jovens viajantes, Prabaker e eu deixámo-nos cair no pequeno *foyer* com os nossos sacos e malas. Um indiano alto e musculado, com uma deslumbrante camisa branca e gravata preta, estava atrás de um balcão, situado num dos lados do átrio que dava acesso aos quartos de hóspedes.

– Sejam bem-vindos! – exclamou, com um pequeno e cauteloso sorriso, que lhe fazia covinhas nas maçãs do rosto. – Sejam bem-vindos, jovens cavalheiros!

– Que pardieiro! – murmurou o meu companheiro mais alto, olhando em redor para a pintura descascada e para as divisórias de madeira laminada.

– Este ser o senhor Anand – apresentou Prabaker rapidamente. – O melhor gerente do melhor hotel de Colaba.

– Cala a boca, Prabaker! – rosnou o senhor Anand.

Prabaker sorriu ainda mais.

– Ver?! Que grande gerente, este senhor Anand? – sussurrou, sorrindo-me.

Voltou então o seu sorriso para o gerente. – Trazer três excelentes turistas para si, senhor Anand. Os melhores clientes para o melhor hotel, não? – Já te disse para te calares! – Anand explodiu.

– Quanto? – perguntou o canadiano mais baixo.

– Como? – murmurou Anand, ainda fitando Prabaker ameaçadoramente. – Três pessoas, um quarto, uma noite. Quanto?

– Cento e vinte rupias.

– O quê?! – explodiu o mais baixo. – Está a gozar comigo?

– É demasiado caro! – acrescentou o amigo. – Vá, vamos embora!

– Não há problema! – retorquiu Anand. – Procurem outro qualquer. Começaram a pegar nas malas, mas Prabaker fê-los parar com um grito angustiado.

– Não! Não! Este ser o mais bonito dos hotéis. Por favor, ver só o quarto! Por favor, senhor Lindsay ver só o quarto adorável! Só o quarto adorável!

Fez-se uma pausa momentânea. Os dois jovens hesitaram à entrada. Anand estudou o livro de registos do hotel, subitamente fascinado pelas entradas manuscritas. Prabaker agarrou-me a manga. Sentia um pouco de pena pelo guia, e admirei o estilo de Anand. Ele não ia discutir connosco ou persuadir-nos a ficar com o quarto. Se o quiséssemos, ficaríamos com ele nas condições que Anand estipulara. Quando levantou os olhos do livro de registos, fixou os meus com um olhar honesto, um homem confiante enfrentando outro. Comecei a gostar dele.

– Gostaria de ver o quarto adorável! – disse eu.

– Sim! – Prabaker ria.

– Está bem! Vamos lá, então! – Os canadianos suspiraram, sorrindo.

– Ao fundo do corredor. – Anand sorriu, virando-se para trás para tirar a chave do quarto do gancho respectivo. Pousou-a no balcão e empurrou-a para mim. – Último quarto à direita, amigo.

Era um quarto grande, com três camas de solteiro cobertas por lençóis, uma janela para o mar e uma fila de janelas que deitavam para uma buliçosa rua. Cada uma das paredes fora pintada num tom diferente de verde, de dar dor de cabeça. O tecto era atravessado por rachas. Rolos papiráceos de tinta pendiam dos cantos. O chão de cimento inclinava-se, com ondulações irregulares, para as janelas da rua. Três pequenas mesas-de-cabeceira de contraplacado e um penteador de madeira danificada, com um espelho partido, eram as únicas peças de mobiliário. Os ocupantes anteriores haviam deixado resquícios dos seus pertences: uma vela derretida no gargalo da garrafa de *Bailey's Irish Cream,* um calendário com uma paisagem de uma rua napolitana pendurada numa parede e dois balões abandonados e enrugados presos à ventoinha do tecto. Era o tipo de quarto que convidava as pessoas a escrever os seus nomes e outras mensagens nas paredes, do mesmo modo que os homens o fazem nas celas da prisão.

– Fico com ele – decidi.

– Bom! – gritou Prabaker, correndo de imediato para o *foyer.*

Os meus companheiros de autocarro olharam um para o outro e riram.

– Não vale a pena discutir com este tipo. É doido!

– Varrido! – riu-se o mais baixo. E, inclinando-se, cheirou os lençóis antes de se sentar cuidadosamente numa das camas.

Prabaker voltou com Anand, que trazia o pesado livro de registos. Preenchemos os nossos dados, um de cada vez, enquanto Anand conferia os passaportes. Paguei uma semana adiantada. Anand devolveu aos outros os respectivos documentos, mas reteve o meu, batendo-o pensativamente contra as maçãs do rosto.

– Nova Zelândia? – murmurou.

– E daí?! – exclamei, de cenho franzido, perguntando-me se ele vira ou pressentira alguma coisa. Eu era o homem mais procurado da Austrália, fugido de uma pena de prisão de vinte anos por assalto â mão armada, e um nome novo e quente na lista de fugitivos da Interpol. *O que quer ele? Que sabe ele?*

– Hum. Certo, Nova Zelândia, Nova Zelândia, deve estar a apetecer-lhe algo para fumar, cervejas, algumas garrafas de *whisky,* trocar dinheiro, meninas, boas festas. Se quiser comprar alguma coisa, diga!

Devolveu-me o passaporte e saiu do quarto, olhando para Prabaker maliciosamente. O guia bajulou-o servilmente à porta, inclinando-se e sorrindo alegremente ao mesmo tempo.

– Grande homem. Grande gerente! – comentou Prabaker efusivamente assim que Anand saiu.

– Trazes muitos neozelandeses aqui, Prabaker?

– Não tantos, senhor Lindsay. Oh, mas companheiros muito bons. Rindo, fumando, bebendo, tendo sexo com mulheres, todos à noite, e então mais riso, fumando e bebendo.

– Hum. Suponho que não sabes onde posso conseguir um pouco de haxixe, Prabaker?

– Sem problemas! Eu arranjar um *tola,* um quilo, dez quilos, até mesmo saber onde estar um armazém cheio...

– Não preciso de um armazém cheio de haxe, só o necessário para fumar um charro.

– Acontece só que eu ter um *tola,* dez gramas, o melhor *charras* afegão, em meu bolso. Senhor querer comprar?

– Quanto?

– Duzentas rupias – sugeriu, esperançosamente.

Deduzi que seria menos de metade daquele preço. Mas duzentas rupias – cerca de doze dólares americanos, nesse tempo – eram um décimo do preço na Austrália. Atirei-lhe um pacote de tabaco e mortalhas. – Está bem. Faz um charro e nós experimentamos. Se gostar, compro.

Os meus dois companheiros de quarto estavam estendidos nas camas paralelas. Olharam um para o outro e trocaram expressões semelhantes, franzindo a testa e contraindo os lábios enquanto Prabaker retirava o pedaço de haxixe do bolso. Observavam com fascínio e medo o pequeno guia que se ajoelhava para fazer o charro na superfície empoeirada do penteador.

– Tens a certeza de que isto é uma boa ideia, meu?

– Pois, eles podem estar a preparar uma mistela de droga ou qualquer coisa!

– Acho que confio no Prabaker. Não creio que sejamos enganados – respondi, desenrolando a minha manta de viagem e estendendo-a na cama sob as grandes janelas. Aproveitei o peitoril da janela para colocar as minhas recordações, quinquilharias e amuletos da sorte – a pedra preta que me fora dada por uma criança na Nova Zelândia, uma concha de caracol fossilizada que um amigo encontrara e uma pulseira de garras de falcão feita por um outro amigo. Eu estava de passagem. Não tinha casa nem país. As minhas malas estavam cheias de coisas que os amigos me tinham oferecido: um enorme estojo de primeiros socorros que me compraram com o dinheiro que haviam juntado, desenhos, poemas, conchas, penas. Até mesmo as roupas que usava e as botas que calçava me tinham sido dadas por amigos. Todos os objectos eram importantes; no meu exílio de perseguido o parapeito tornara-se a minha casa, e os talismãs eram a minha nação.

– Estejam à vontade, cavalheiros. Se não se sentem seguros, vão dar um passeio ou esperem algum tempo lá fora. Depois de fumar, chamo-vos. É que prometi a alguns amigos meus que, se alguma vez viesse à Índia, a primeira coisa que faria era fumar um pouco de haxe e pensar neles. E pretendo cumprir essa promessa. Aliás, o gerente pareceu-me muito à vontade com isso. Há algum problema em fumar um charro aqui, Prabaker?

– Fumando, bebendo, dançando, música, negócio de sexo, nenhum problema aqui! – assegurou-nos Prabaker, sorrindo de contentamento, desviando momentaneamente o olhar da sua tarefa. – Tudo ser permitido, nenhum problema aqui. Não lutar. Lutar não ser boas maneiras em India Guest House.

– Vêem? Nenhum problema!

– E morrer – acrescentou Prabaker com um abanar de cabeça. – Senhor Anand não gostar, se pessoas morrer aqui.

– O quê? Que está ele a dizer sobre morrer?

– Está a falar a sério? Quem é que vai *morrer* aqui? *Cruzes!*

– Nenhum problema com morrer, *baba.* – Prabaker acalmou-os, oferecendo aos agitados canadianos o charro impecavelmente enrolado. O homem mais alto pegou-lhe, acendeu-o e deu uma passa. – Não muitas pessoas morrer aqui em India Guest House, e principalmente só *junkies,* sabe, com as faces magras. Para vocês nenhum problema, com corpos gordos, grandes, tão bonitos.

Quando me passou o charro, o sorriso de Prabaker era encantador e desarmante. Quando lho devolvi, deu uma passa com prazer óbvio, passando-o mais uma vez aos canadianos.

– Ser bom *charras,* sim?

– É mesmo bom – disse o mais alto. O seu sorriso era meigo e generoso, o sorriso grande e sincero que os longos anos me ensinaram, desde então, a associar ao Canadá e aos canadianos.

– Eu compro – concluí. Prabaker passou-mo, e eu parti o pedaço de dez gramas em dois, atirando metade a um dos meus companheiros de quarto. – Toma. Para a viagem de comboio até Poona, amanhã.

– Obrigado, pá! – respondeu, mostrando o pedaço ao amigo. – Sabes, tu és fixe. Louco, mas fixe.

Puxei de uma garrafa de *whisky* da minha mochila e quebrei o selo. Era outro ritual, outra promessa feita a um amigo da Nova Zelândia, uma rapariga que me pedira para tomar uma bebida e pensar nela se conseguisse chegar à Índia em segurança, com o meu passaporte falso. O pequeno ritual – o fumar e o beber *whisky* – eram importantes para mim. Tinha a certeza de ter perdido esses amigos, da mesma maneira que perdera a minha família e todos os amigos que conhecera desde sempre, quando fugira da prisão. Eu estava certo de que, de alguma maneira, nunca mais os veria. Estava só no mundo, sem esperança de regresso, e a minha vida inteira era celebrada em recordações, talismãs e penhores de amor.

Estava prestes a tomar um gole da garrafa, mas um impulso fez-me oferecê-la primeiro a Prabaker.

– Agradecer muito, senhor Lindsay – disse efusivamente, os olhos arregalados. Inclinou a cabeça para trás e verteu um gole de *whisky* na boca, sem tocar na garrafa com os lábios. – Ser muito óptimo, número um, *Johnnie Walker*. Oh, sim.

– Bebe um pouco mais, se gostas!

– Só uns pedaços pequeninos, obrigado assim. – Bebeu de novo, engolindo-o em pequenos tragos. Deteve-se, lambendo os lábios, e então inclinou a garrafa uma terceira vez. – Desculpar, desculpar muito. Ser tão bom este *whisky* que estar fazendo más maneiras em mim.

– Olha, se gostas tanto, podes ficar com a garrafa. Tenho outra. Comprei-as em zona franca, no avião.

– Oh, obrigado... – respondeu, mas o sorriso apagou-se-lhe numa expressão magoada.

– Que foi? Não queres?

– Sim, sim, senhor Lindsay, muito. Mas se eu saber que este ser meu *whisky* e não seu, não ter sido tão generoso.

Os jovens canadianos riram.

– Então é assim, Prabaker. Eu dou-te a garrafa cheia para guardar, e bebemos todos da que já está aberta. Que tal? E aqui estão as duzentas rupias para o charro.

O sorriso brilhou de novo, e ele trocou a garrafa aberta pela selada, embalando-a ternamente nos braços dobrados.

– Mas senhor Lindsay estar cometendo um erro. Eu ter dito que este *charras* ser *cem* rupias, não duzentas.

– Hum.

– Oh, sim. Cem rupias só – declarou, recusando uma das notas.

– Está bem. Escuta, eu tenho fome, Prabaker. Não comi no avião. Achas que me podes mostrar um restaurante bom e limpo?

– Pois claro que sim, senhor Lindsay. Eu conhecer restaurantes excelentes, com comidas maravilhosas que senhor Lindsay ficar doente de felicidade.

– Convenceste-me! – repliquei, pondo-me de pé e guardando o passaporte e o dinheiro. – Vocês os dois, vêm?

– O quê? *Sair?* Deves estar a brincar.

– Sim, talvez mais tarde. Tipo, *muito* mais tarde. Mas nós tomamos conta das tuas coisas aqui e esperamos que voltes.

– Está bem, como queiram. Estarei de volta dentro de algumas horas. Prabaker inclinou-se, servil, e saiu educadamente. Eu segui-o. Porém, quando estava prestes a fechar a porta, o jovem mais alto falou.

– Ouve, tem cuidado na rua, sim? É que não sabes como isto é. Não podes confiar em ninguém. Isto não é a aldeia. Os indianos na cidade são... Bem, tem cuidado, sim?

No *guichet* da recepção, Anand guardou o meu passaporte, os *traveller's cheques* e o meu dinheiro na sua caixa-forte, dando-me um recibo pormenorizado, e eu saí para a rua com as palavras de aviso do jovem canadiano remoendo e revolteando na minha cabeça como gaivotas em época de desova.

Prabaker conduzira-nos ao hotel por uma avenida larga, ladeada de árvores e relativamente vazia que seguia a curva da baía a partir do alto arco de pedra do Gateway of India Monument. A rua em frente ao edifício estava cheia de pessoas e veículos, porém, o som de vozes, buzinas e comércio era como uma tempestade de chuva em telhados de metal e madeira.

Centenas de pessoas caminhavam, ou falavam, em grupos. Lojas, restaurantes e hotéis enchiam a rua, lado a lado, a todo o comprimento. Qualquer loja ou restaurante incluía uma subloja menor, na parte da frente. Dois ou três criados, sentados em tamboretes dobradiços, controlavam no passeio cada um desses pequenos enclaves. Havia africanos, árabes, europeus e indianos.

Os idiomas e a música mudavam sucessivamente e cada restaurante espalhava um cheiro diferente no ar tórrido.

Homens com carros de bois e carrinhos de mão abriam caminho por entre o denso trânsito para entregar melancias e sacos de arroz, bebidas doces e pilhas de roupa, cigarros e blocos de gelo. O dinheiro estava por todo o lado: era um centro para os negócios de mercado negro e tráfico de divisas, contou-me Prabaker, e grossos maços de notas eram contados e mudavam de mãos abertamente. Havia mendigos, ilusionistas e acrobatas, encantadores de cobras, músicos e astrólogos, quiromantes, alcoviteiros e traficantes. E a rua estava imunda. Os detritos eram lançados das janelas sem aviso e o lixo amontoava-se em pilhas no pavimento ou na estrada, onde ratos gordos e destemidos se banqueteavam.

Para mim, o que mais saltava à vista eram os muitos aleijados e mendigos doentes. Todo o tipo de doenças, invalidez e sofrimento desfilava ali, nas entradas dos restaurantes e das lojas, ou aproximando-se das pessoas na rua com gritos melancólicos profissionais. Como quando da primeira perspectiva dos bairros através das janelas do autocarro, aquele rápido olhar para a rua sofrida trouxe uma vergonha quente ao meu rosto saudável. Mas à medida que Prabaker me conduzia pela multidão barulhenta foi chamando a minha atenção para outras imagens desses mendigos que suavizavam a caricatura terrível apresentada por aqueles desempenhos a inspirar pena. Um grupo deles, sentado numa entrada, a jogar cartas; alguns cegos e seus amigos desfrutando uma refeição de peixe e arroz; e crianças que riam e faziam turnos para andar com um homem sem perna no seu pequeno carro.

Enquanto caminhávamos, Prabaker olhava-me de soslaio.

– Como está a gostar da nossa Bombaim?

– Adoro! – respondi, e era verdade. A meus olhos, a cidade era bonita. Era selvagem e excitante. Edifícios românticos da era do Raj britânico ao lado de modernas torres de vidro de empresas. A casual e errónea localização de moradias negligenciadas esmigalhadas contra pródigas exposições do mercado de legumes e sedas. Ouvia-se música em cada loja e táxi que passava. As cores eram vibrantes. As fragrâncias eram estonteantemente deliciosas. E havia mais sorrisos nos olhos dessas ruas abarrotadas do que em qualquer outro lugar que alguma vez conhecera.

Acima de tudo, Bombaim era livre – estimulantemente livre. Via esse espírito liberado e espontâneo para onde quer que olhasse, e dei comigo a responder-lhe com todo o meu coração. Até mesmo a chama de vergonha que sentira ao ver, pela primeira vez, os bairros miseráveis e os mendigos de rua

se dissolveu na percepção de que eles eram livres, esses homens e mulheres. Ninguém retirava os mendigos das ruas. Ninguém bania os habitantes daqueles bairros. Por mais duras que as suas vidas fossem, eram livres de as viver nos mesmos jardins e avenidas que os ricos e poderosos. Eles eram livres. A cidade era livre. Eu adorei.

No entanto, *estava* ainda um pouco desanimado com a densidade dos fins, o carnaval de necessidades e ganâncias, a intensidade absoluta da luta e dos esquemas de rua. Não falava nenhum dos idiomas que ouvia. Não conhecia nada daquelas culturas, que se vestiam com mantos, saris e turbantes. Era como se estivesse numa representação de algum drama extravagante, complexo, mas sem guião. No entanto, eu sorria e sorrir era fácil, não importa quão estranha e desorientadora a rua parecesse ser. Eu era um fugitivo. Era um homem procurado, um homem perseguido, com a cabeça a prémio. E estava ainda um passo à frente deles. Era livre. O dia-a-dia, quando se está de fugida, é o todo de uma vida. Cada minuto livre é uma história curta com um final feliz.

Agradava-me a companhia de Prabaker. Reparei que todos o conheciam, que era saudado com frequência e com considerável entusiasmo por todo o tipo de pessoas.

– Dever ter fome, senhor Lindsay – observou Prabaker. – Se me permitir, o senhor ser um tipo feliz e homem feliz ter sempre bom apetite.

– Bem, tenho bastante fome, sim. Afinal, onde é que vamos? Se tivesse sabido que levaria este tempo, teria trazido uma merenda comigo.

– Só um pouco. Não muito longe – respondeu alegremente.

– Está bem...

– Oh, sim! Eu levá-lo ao melhor restaurante e com as melhores comidas de Maharashtra. Ir gostar, não haver problema. Todos os guias de Bombaim comer nesse lugar. Este lugar ser tão bom, que só ter de pagar polícia metade de gorjeta habitual. *Tão bom ele ser.*

– Está bem...

– Mas primeiro, deixar comprar cigarro indiano para si, e para mim também. Aqui, nós parar agora.

Conduziu-me até uma banca de rua que mais não era do que uma mesa de jogo desdobrável, com uma dúzia de marcas de cigarros organizadas numa caixa de papelão. Na mesa, via-se uma bandeja de metal grande, com vários pratos de prata pequenos. Os pratos continham coco ralado, temperos e um sortido não identificável de massas. Um balde ao lado da mesa de jogo estava cheio com folhas em forma de lança que flutuavam na água. O

vendedor de cigarros secava as folhas, besuntando-as com diversas pastas, recheando-as com tâmaras moídas, coco, betel e temperos, e enrolando-as em pequenos pacotes. Os vários clientes aglomerados ao redor da banca compravam as folhas tão rapidamente quanto as suas mãos destras as pudessem rechear.

Prabaker encostou-se ao homem, à espera de uma oportunidade para fazer o seu pedido. Erguendo o pescoço para o observar através do maciço de clientes, aproximei-me mais da extremidade do passeio. Ao dar um passo em direcção à estrada, ouvi de imediato um grito.

– Cuidado!

Duas mãos agarraram-me o braço junto ao cotovelo e puxaram-me no preciso momento em que um enorme autocarro de dois andares passava a grande velocidade atrás de mim. Ter-me-ia morto se essas mãos não me tivessem interrompido o passo largo, e voltei-me para conhecer o meu salvador. Era a mulher mais bonita que alguma vez vira, esbelta, com cabelo preto pelos ombros e a pele clara. Embora não fosse alta, os ombros quadrados e a postura recta, com ambos os pés firme e separadamente apoiados, conferiam-lhe uma calma e determinada presença física. Vestia calças de seda apertadas no tornozelo, sapatos pretos baixos, uma camisa de algodão folgada e um xaile de seda comprido. Usava o xaile atirado para trás, com a dupla franja do tecido fluido girando e esvoaçando nas costas. Todas as suas roupas eram em diferentes tons de verde.

Os indícios para tudo o que um homem deveria amar e temer nela estavam ali, desde o início, no sorriso irónico que elevava a curva em arco dos seus lábios grossos. Havia orgulho naquele sorriso e confiança no seu belo nariz. Sem entender porquê, eu soube, sem qualquer dúvida, que muitas pessoas tornariam o seu orgulho por arrogância e confundiriam a sua confiança com impassibilidade. Não cometi esse erro. Os meus olhos estavam perdidos, nadando, flutuando livres na lagoa brilhante do seu olhar firme, quase fixo. Os seus olhos eram grandes e de um verde espectacular, do verde que as árvores têm em sonhos vívidos. Era o verde que o mar teria, se fosse perfeito.

A sua mão repousava ainda na curva do meu braço, junto ao cotovelo. O toque da mão de uma amante deveria ser igual àquele: familiar, porém excitante, como uma promessa sussurrada. Senti um desejo quase irresistível de lhe pegar na mão e a encostar ao peito, junto ao coração. Talvez o devesse ter feito. Sei agora que, se tal tivesse acontecido, ela teria rido e gostado de mim por o ter feito. Mas, como estranhos que éramos, aguardámos cinco longos segundos, fixando-nos enquanto todos os mundos paralelos, todas as vidas

paralelas que poderiam ter acontecido, mas nunca aconteceriam, giraram em nosso redor. Então ela falou.

– Foi por pouco. Você tem sorte!

– Sim – sorri –, tenho.

A sua mão abandonou lentamente o meu braço. Era um gesto natural, relaxado, mas senti a separação tão nitidamente como se tivesse sido asperamente acordado de um sono profundo e feliz. Inclinei-me sobre ela e olhei para as suas costas, primeiro para o lado esquerdo, depois para o direito.

– O que é? – perguntou.

– Estou à procura das suas asas. É o meu anjo-da-guarda, não é?

– Receio que não – respondeu, com um sorriso que lhe desenhou covinhas nas maçãs do rosto. – Sou demasiado demoníaca para isso.

– E quanto de demoníaco tem em si? – perguntei com um sorriso.

Algumas pessoas de um grupo, no lado oposto da banca, levantavam-se. Um deles – um homem bonito, atlético, entre os vinte e os trinta anos – desceu para a estrada e chamou-a.

– Karla! Anda, *yaar!*

Ela virou-se e acenou-lhe, depois estendeu-me a mão para apertar a minha com uma pressão firme mas emocionalmente indeterminável. O seu sorriso era igualmente ambíguo. Poderia ter gostado de mim ou ter apenas ficado contente por se despedir.

– Ainda não respondeu à minha pergunta – disse, quando a sua mão se afastava.

– Quanto de demoníaco tenho em mim? – perguntou com um meio sorriso arreliando-lhe os lábios. – É uma pergunta muito pessoal. Pensando bem, é capaz de ser a pergunta mais pessoal que alguma vez me fizeram. Mas, se alguma vez for ao Leopold's, é bem capaz de descobrir.

Os amigos dela tinham vindo para o nosso lado da pequena tenda, e ela deixou-me para se lhes juntar. Eram todos indianos, todos jovens, e vestiam roupas ocidentais modernas da classe média. Riam com frequência e apoiavam-se uns nos outros com familiaridade, mas ninguém tocava em Karla. Ela parecia projectar uma aura simultaneamente atraente e inviolável. Aproximei-me um pouco, fingindo estar intrigado com o trabalho do vendedor de cigarros e as suas folhas e pastas. Ouvi-a falar com eles, mas não consegui entender o idioma. A sua voz, naquela língua e naquela conversa, era surpreendentemente grave e sonora; os pêlos dos meus braços formigaram com aquele som. E, suponho, que aquilo tenha sido também um aviso. A *voz,* dizem os casamenteiros afegãos, é *mais de metade do amor.* Mas, na

altura, eu não o sabia e o meu coração decidiu-se rapidamente por um caminho que os próprios casamenteiros não se atreveriam a percorrer.

– Ver, senhor Lindsay, eu comprar só dois cigarros para nós – disse Prabaker, aproximando-se e oferecendo-me um dos cigarros, com um gesto teatral. – Esta ser a Índia, país dos homens pobres. Nenhuma necessidade de comprar pacote inteiro de cigarros aqui. Poder comprar só um cigarro. E nenhuma necessidade de comprar fósforos.

Inclinou-se e agarrou na ponta de uma corda de linho em brasa, pendurada num gancho no poste de telégrafo, junto à banca dos cigarros. Prabaker soprou a ponta incandescente, expondo uma pequena chama laranja que utilizou para acender o cigarro.

– Que está ele a fazer? Que é aquilo que está nas folhas e que eles mastigam?

– Se chamar *paan*. Ser muito bom. Todo o mundo em Bombaim estar mastigando e cuspindo, mastigando e cuspindo, nenhum problema de dia e noite também. Muito bom para saborear de, mastigar muito e cuspir. Querer experimentar isto? Eu comprar alguns para senhor.

Eu assenti com a cabeça e deixei-o fazer o pedido, não tanto pela experiência nova do *paan,* mas pela desculpa que se oferecia para permanecer ali mais tempo e olhar para Karla. Ela estava tão tranquila e tão em casa como se fizesse parte da rua e do seu saber indecifrável. O que à minha volta me desconcertava parecia ser banal para ela. Fez-me lembrar o estrangeiro no bairro – o homem que vira da janela do autocarro. Como ele, ela parecia tranquila e feliz em Bombaim. Parecia fazer parte da cidade. Invejei o calor e a aceitação que obtinha dos que a rodeavam.

Mas mais do que isso, o meu olhar foi atraído para a sua beleza. Olhei para ela, um estranho, e fiquei sem fôlego. Senti o coração ser apertado por uma garra. Uma voz no meu sangue dizia *sim, sim, sim...* As antigas lendas de sânscrito falam de um amor predestinado, uma conexão de *Karma* entre almas que estão destinadas a encontrar-se e colidir e arrebatar-se uma à outra. As lendas dizem que a pessoa amada é reconhecida imediatamente porque é amada em cada gesto, cada expressão de pensamento, cada movimento, cada som e cada expressão dos seus olhos. As lendas dizem que a conhecemos pelas asas – as asas que só nós podemos ver – e porque desejá-la destrói a vontade de amar qualquer outra pessoa.

As mesmas lendas advertem também que tal amor predestinado pode, algumas vezes, ser a posse e a obsessão de uma, e apenas uma, das duas almas unidas pelo destino. Mas a sabedoria, num certo sentido, é o oposto do amor. O amor sobrevive em nós precisamente porque não é sábio.

– Ah, senhor olhar aquela rapariga! – observou Prabaker, regressando com o *paan* e seguindo a direcção do meu olhar. – Achar ela bonita, *na?* O nome dela ser Karla.

– Conheces?!

– Oh, sim! Karla todos conhecer – respondeu, num sussurro de ponto no palco, tão alto que receei que ela pudesse ouvir. – Senhor querer conhecer?

– Conhecê-la?

– Se senhor querer, eu falar com ela. Senhor quer que ela ser sua amiga?

– O quê?

– Oh, sim! Karla ser minha amiga e ela também poder ser sua amiga, pensar eu. Talvez senhor fazer muito dinheiro em negócio com Karla. Talvez se tornar tão bons e grandes amigos que ter muito sexo juntos e conhecer os vossos corpos perfeitamente. Eu estar certo de que irão ter prazer amigável.

Ele esfregava as mãos. Os sucos vermelhos do *paan* manchavam-lhe os dentes e os lábios. Tive de lhe agarrar o braço para o impedir de se aproximar dela e do seu grupo de amigos.

– Não! Pára! Por amor de Deus, fala baixo, Prabaker. Se eu quiser falar com ela, fá-lo-ei eu mesmo.

– Oh, eu entender! – disse, parecendo envergonhado. – É o que estrangeiros chama *preliminares,* não é?

– Não! Preliminares são... não importa o que são preliminares!

– Oh, bom! Eu não importar sobre os preliminares, senhor Lindsay. Eu ser um indiano e nós os indianos não nos preocupar com preliminares. Nós ir directamente para a acção. Oh sim!

Segurava uma mulher imaginária nas mãos e empurrava os quadris estreitos na sua direcção, exibindo sempre aquele sorriso de suco vermelho.

– Pára com isso! – interrompi, verificando se Karla e os amigos o estavam a observar.

– Certo, senhor Lindsay – suspirou. – Mas, eu ainda poder fazer uma oferta boa da sua amizade à senhora Karla, se quiser?

– Não! Quer dizer... não, obrigado! Não a quero engatar. Eu... Não vale a pena. Diz-me apenas... o homem que está a falar agora... que língua é aquela?

– É idioma hindi que falar, senhor Lindsay. Esperar um minuto, eu explicar o que ele estar a dizer.

Moveu-se para o lado mais distante da banca e juntou-se ao grupo dela, com grande à-vontade, inclinando-se para escutar. Ninguém lhe prestou atenção. Ele acenou com a cabeça, riu com os outros e voltou uns minutos depois.

– Ele contar uma história muito engraçada sobre inspector de Polícia de Bombaim, um homem muito poderoso nesta zona. Aquele inspector prender um tipo muito esperto na prisão dele, mas esse tipo convenceu o inspector a deixar ele sair novamente, dizendo-lhe que tinha algum ouro e jóias. Mais: quando ele ficar livre o tipo vender ao inspector algumas jóias e ouro. Mas a verdade é que não ser ouro nem jóias verdadeiras, ser imitações, e muito baratas. E pior, o tipo morar na casa do inspector durante uma semana antes de ele vender as não verdadeiras jóias. E haver um rumor grande que o tipo esperto ter sexo com a esposa daquele inspector. Agora, o inspector estar louco e tão zangado que todos fugir quando o ver.

– Como a conheces? Ela vive aqui?

– Conhecer quem, senhor Lindsay. A mulher do inspector?

– Não, claro que não! Quero dizer, a rapariga... a Karla.

– Saber – disse, como que meditando, assumindo pela primeira vez uma expressão séria –, haver muitas raparigas nesta Bombaim. Nós estar apenas a cinco minutos do seu hotel. Nestes cinco minutos nós ter visto centenas de raparigas. Daqui por cinco minutos nós ver ainda mais centenas de raparigas. Todos cinco minutos mais centenas de raparigas. E se andarmos mais nós ver centenas e centenas e centenas e centenas...

– Oh, boa, centenas de raparigas! – interrompi sarcasticamente, a minha voz soando muito mais alto do que pretendera. Olhei à minha volta. Várias pessoas fixavam-me com desprezo, e nem sequer o disfarçavam. Continuei, num sussurro: – Não quero saber de centenas de raparigas, Prabaker. Estou apenas... curioso... com... com *aquela* rapariga, certo?

– Certo, senhor Lindsay, eu contar tudo. Karla, ela ser um homem de negócios famoso em Bombaim. Muito tempo ela estar aqui. Eu penso cinco anos, talvez. Ela ter uma casa pequena, não longe. Todos conhecer Karla.

– De onde é ela?

– Eu pensar, alemã, ou assim.

– Mas parece americana.

– Sim, parecer, mas ser de Alemanha, ou qualquer coisa assim. Mas agora ser quase muito indiana. Querer comer suas comidas agora?

– Sim, só um minuto.

O grupo de jovens amigos despediu-se de outros que estavam junto à banca do *paan* e entrou na confusão e agitação da turba. Karla juntou-se-lhe, caminhando com a cabeça erguida naquela curiosa postura recta, quase de desafio. Olhei-a até ser engolida pela multidão, mas ela nunca olhou para trás.

– Conheces um local chamado Leopold's? – perguntei a Prabaker, quando,

juntos, começámos de novo a caminhar.

– Oh, sim! Maravilhoso e lindo lugar, o Leopold's Beer Bar. Cheio de pessoas maravilhosas, encantadoras, as muito, muito, boas e adoráveis pessoas. Todo tipo de estrangeiros poder encontrar lá, todos fazer bom negócio. Negócio de sexo, negócio de drogas, negócio de dinheiro, negócio de mercado negro, fotografias malandras e negócio de contrabandista, negócio de passaporte e...

– Está bem, Prabaker, já percebi.

– Querer ir lá?

– Não. Talvez mais tarde! – Parei e Prabaker parou ao meu lado. – Ouve, como é que teus amigos te chamam? Quer dizer, qual é o teu diminutivo?

– Oh, sim, eu ter diminutivo. Meu diminutivo ser Prabu.

– Prabu... Gosto.

– Querer dizer *Filho da Luz,* ou qualquer coisa assim. Ser nome bom, sim? – É um bom nome, sim.

– E seu bom nome, senhor Lindsay, não ser assim tão bom, se não importar eu ser tão directo. Eu não gostar deste longo nome que para indiano falar ter de guinchar.

– Oh, ai não?

– Desculpar eu dizer, não. Não gostar. Nada. Nem um pouco. Nem um tiquito.

– Bem – sorri –, receio nada poder fazer quanto a isso.

– Eu pensar que um nome curto, *Lin,* ser muito melhor – sugeriu. – Se não importar, eu o chamar Lin.

Era um nome tão bom como qualquer outro, nem mais nem menos falso do que os outros doze de que me apossara desde a fuga. Na realidade, nos últimos meses apercebera-me de como reagia com um fatalismo ardiloso aos novos nomes que fora forçado a adoptar, num ou noutro lugar, e aos que os outros me tinham atribuído. *Lin.* Era um diminutivo que nunca teria inventado para mim. Mas soou-me bem, o que significa que ouvi o eco *vodu* de algo predestinado: um nome que imediatamente me pertencia, tão seguramente quanto o nome perdido e secreto com que nascera e sob o qual fora condenado a vinte anos de prisão.

Perscrutei o rosto redondo de Prabaker e os seus olhos grandes, escuros e matreiros, assenti com a cabeça, sorri e aceitei o nome. Na altura, não podia saber que o pequeno guia de Bombaim me dera um nome pelo qual milhares de pessoas, de Colaba a Kandahar, de Kinshasa a Berlim, me viriam a conhecer. O destino precisa de cúmplices e as pedras das suas paredes são

cimentadas com cumplicidades pequenas e descuidadas como essas. Agora, olho para trás e sei que o momento de atribuição do nome, tão insignificante naquela altura, que parecia exigir não mais do que um arbitrário e supersticioso sim ou não, era na realidade um momento crucial na minha vida. O papel que desempenhei com aquele nome e a personagem em que me transformei – *Linbaba* – era mais real e condicente com a minha natureza do que alguém ou alguma coisa que tenha sido anteriormente.

– Sim, está bem, Lin será!

– Muito bom! Estar muito contente por gostar deste nome. E como o meu nome querer dizer *Filho da Luz* em hindi, o seu nome, Lin, também ter significado muito bom e afortunado.

– Sim?! Que quer dizer *Lin* em hindi?

– Significar *Pénis!* – explicou, com um deleite que esperava que eu compartilhasse.

– Oh, bestial! Isso é simplesmente... bestial!

– Sim, muito óptimo, muito afortunado. Não significar isso exactamente, mas parecer *ling, ou lingam,* e isso ser pénis.

– Ora bolas, homem! – protestei, retomando a marcha. – Como posso andar por aí com um nome desses? Estás a gozar? Já estou a imaginar: *olá, prazer em conhecê-lo, chamo-me Pénis!*» De modo nenhum. Esquece. Acho que vamos ficar pelo Lindsay.

– Não! Não! *Lin,* eu estar dizendo que ser nome realmente bom, um nome de poder, um nome muito afortunado, um nome tanto afortunado! As pessoas ir adorar este nome, quando eles ouvir. Vir! Eu mostrar. Eu querer deixar esta garrafa de *whisky,* que senhor dar a mim, com meu amigo, o senhor Sanjay. Aqui, mesmo aqui, nesta loja. Ver só como ele gostar do seu nome.

Andámos alguns metros ao longo da rua atafulhada até chegarmos a uma pequena loja com uma tabuleta pintada à mão por cima da porta aberta:

Rádio Doente
Empresa de consertos eléctricos Consertos e Venda de material eléctrico, Sanjay Deshpande, Proprietário

Sanjay Deshpande era um homem pesado, na casa dos cinquenta, com um halo de cabelo grisalho e sobrancelhas brancas, cerradas. Estava sentado atrás de um balcão de madeira maciça, cercado de rádios, leitores de cassetes esventrados e caixas de ferramentas. Prabaker cumprimentou-o, falando num hindi rápido, e passou a garrafa de *whisky* por cima do balcão. O senhor Deshpande

agarrou na garrafa com a mão carnuda e, sem olhar para o objecto, fê-lo desaparecer de cima do balcão. Puxou de um maço de notas de rupias do bolso da camisa, retirou algumas e, pousando a mão sobre elas, empurrou-as a Prabaker, que agarrou no dinheiro e o guardou no bolso, com um movimento tão rápido e fluído como o agarrar do tentáculo de uma lula. Por fim, terminou de falar e acenou-me para que me aproximasse.

– Este ser meu muito bom amigo – informou ao senhor Deshpande, batendo-me ao de leve no braço. – Ele ser de Nova Zelândia.

O senhor Deshpande grunhiu.

– Ele chegar hoje em Bombaim. Ficar na India Guest House.

O senhor Deshpande grunhiu novamente e estudou-me com uma curiosidade vagamente hostil.

– O nome dele ser Lin. Senhor Linbaba – disse Prabaker.

– Qual é o nome dele? – perguntou o senhor Deshpande.

– Lin. – Prabaker sorriu. – O nome dele ser Linbaba.

O senhor Deshpande elevou as suas impressionantes sobrancelhas num sorriso perplexo.

– Linbaba?

– Oh, sim! – reafirmou Prabaker, entusiasmado. – Lin. Lin. Companheiro muito bom, ele.

O senhor Deshpande estendeu a mão e eu apertei-a. Cumprimentámo-nos um ao outro, e então Prabaker começou a puxar-me a manga, arrastando-me para a entrada.

– Linbaba! – repetiu o senhor Deshpande quando saímos para a rua. – Bem-vindo a Bombaim. Se tiver algum *Walkman,* máquina fotográfica ou qualquer máquina para vender, vem a mim, Sanjay Deshpande, a Rádio Doente. Ofereço os melhores preços.

Assenti com a cabeça e abandonámos a loja. Prabaker arrastou-me alguns passos ao longo da rua, e então parou.

– Ver, senhor Lin? Ver como ele gostar do seu nome?

– Acho que sim! – murmurei, confuso tanto pelo seu entusiasmo como pela rápida mudança do senhor Deshpande. Quando consegui conhecê-lo o suficiente, quando comecei a apreciar a sua amizade, descobri que Prabaker acreditava que o seu sorriso causava impacto nos corações das pessoas e no mundo. Tinha razão, claro, mas levei algum tempo a compreender aquela verdade e a aceitá-la.

– Que quer dizer *baba* no fim do nome? Lin, eu entendo. Mas que significa Lin *baba?*

– *Baba* ser apenas um nome respeitado. – Prabaker sorriu. – Se nós pôr *baba* na parte de trás do seu nome ou do de qualquer pessoa especial, ser como o respeito que nós ter a professor ou a pessoas santas ou a pessoa muito velha, velha, velha...

– Estou a perceber, estou a perceber. Mas não me faz sentir mais confortável com ele. Prabu, tenho de dizer. Esta coisa do *pénis*... não sei, não!

– Mas ver senhor Sanjay Deshpande! Ver como ele gostar do nome. Ver como pessoas adorar este nome. Ver agora, você olhar, eu dizer a toda a gente! Linbaba! Linbaba! Linbaba!

Ele gritava, dirigindo-se aos estranhos que passavam por nós na rua.

– OK, Prabu. Eu acredito. Acalma-te. – Era a minha vez de lhe segurar na manga e o puxar pela rua. – Pensei que querias beber o *whisky?*

– Ah, sim! – suspirou. – Querer sim e já estar bebendo também em minha mente. Mas agora, Linbaba, com este dinheiro de vender seu presente bom ao senhor Sanjay, eu poder comprar duas garrafas de *whisky* indiano muito bera e barato e deixar bastante dinheiro para uma camisa nova, de cor vermelha, uma *tola* de bom *charras,* bilhetes para ir a cinema hindi com ar condicionado e dois dias de comidas. Linbaba não estar a comer o seu *paan*. Ter de pôr *paan* na boca e mastigar antes que fique duro e com sabor mau.

– Está bem. Como é que faço? Assim?

Levei a folha embrulhada, que era quase do tamanho de uma caixa de fósforos, à boca, como vira os outros fazerem. Em segundos, uma sufusão de doçuras aromáticas invadiu a minha boca. O gosto era acre e adocicado – com um travo a mel e, ao mesmo tempo, subtilmente picante. O invólucro da folha começou a dissolver-se e os bocadinhos crocantes de noz de betel raspada, tâmara e coco libertaram os sucos doces.

– Agora, ter de cuspir algum *paan* – explicou Prabaker, vendo-me mastigar concentradamente. – Fazer assim, ver? Cuspir fora assim.

Ele cuspiu um jacto de suco vermelho que aterrou na estrada, um metro à frente, formando uma grande mancha com cerca de um palmo de diâmetro. Foi um acto preciso, de perito. Nem uma gota do suco lhe ficou nos lábios. Com este encorajamento entusiástico resolvi imitá-lo, mas o líquido carmesim transbordou-me da boca, deixando-me um rasto de baba no queixo e na camisa, aterrando depois com um som audível na minha bota direita.

– Não haver problema com a camisa! – resmungou Prabaker, puxando de um lenço que tinha no bolso e manchando ainda mais a camisa com aquele fluido vermelho cor de sangue. – Também não haver problema com as suas botas. Eu esfregar assim, ver? Agora, eu ter de perguntar se Linbaba gostar de natação?

– Natação? – repeti, engolindo a pequena mistura de *paan* que ainda tinha na boca.

– Sim. Nadar. Eu o levar à praia Chowpatty, que ser tão agradável, e lá Linbaba praticar mastigar e cuspir e mastigar e cuspir mais *paan,* mas sem tantas dessas roupas, para poupar bom dinheiro em lavandaria.

– Escuta, em relação a estas voltas pela cidade, tu trabalhas como guia, certo?

– Oh, Sim. Melhor guia de Bombaim e de toda a Índia, também.

– Quanto cobras por dia?

Prabaker olhou para mim com aquele sorriso matreiro, que agora eu já reconhecia como sendo o lado oculto do seu sorriso aberto e meigo.

– Eu cobrar cem rupias pelo dia todo! – respondeu.

– Está bem!

– E turistas pagar almoço.

– Claro.

– E também táxi, os turistas pagar.

– Com certeza.

– E bilhetes de autocarro de Bombaim; tudo eles pagar.

– Sim.

– E *chai,* se nós beber em tarde quente, para nos refrescarmos.

– Hum...

– E raparigas sensuais, se nós lá ir, em noite fresca, se nós sentir uma grande vontade no...

– Sim, certo, de acordo. Escuta, eu pago-te a semana inteira. Quero que me mostres Bombaim, me ensines um pouco sobre a cidade. Se correr bem, terás um bónus no final da semana. Que te parece?

O sorriso reluziu-lhe nos olhos mas, ao responder, a voz era surpreendentemente sombria.

– Esta sua decisão ser boa, Linbaba. Sua decisão ser muito boa. – Bem – ri-me –, é o que veremos. Quero que me ensines algumas palavras em hindi, certo?

– Oh, sim! Eu poder ensinar tudo! *Ha* querer dizer *sim,* e *nahin* significar *nenhum,* e *pani* significar *água,* e *khanna* significar *comidas,* e...

– Está bem, certo. Não temos de aprender tudo de uma vez. É este o restaurante? Bem, estou esfomeado.

Estava prestes a entrar no restaurante escuro e pouco simpático quando ele me fez parar, com uma expressão subitamente fechada. Franziu as sobrancelhas, engoliu em seco, como se não soubesse bem por onde começar.

– Antes de nós começar a comer estas comidas boas – disse, por fim –, e antes de nós fazer negócio eu ter de dizer.

– Sim...?!

Estava com um ar tão abatido que fiquei ligeiramente apreensivo.

– Bem, agora eu contar... aquela *tola* de *charras* que eu vender ao senhor em hotel...

– Sim?

– Bem... aquele ser preço de *negócio.* O *verdadeiro* preço, o preço de amigo, ser *só* cinquenta rupias por um *tola charras* afegão. – Ergueu os braços e, depois, deixou-os cair, batendo nas pernas. – Eu ter cobrado mais cinquenta rupias.

– Estou a ver – respondi calmamente. Para mim, o assunto era tão trivial que senti vontade de rir. No entanto, para ele era uma questão obviamente importante e suspeitei de que não fosse frequente ele fazer este tipo de confissões. Na realidade, como me confidenciou muito mais tarde, naquele momento Prabaker decidira gostar de mim e para ele isso significava que teria de ser de uma honestidade escrupulosa e literal em tudo o que dissesse ou fizesse. O facto de me dizer sempre a verdade foi, desde o início, a qualidade que mais apreciei nele e a que mais me enervou.

– Então... que vamos fazer em relação a isso?

– Minha sugestão – disse seriamente –, nós fumar aquele *charras* muito rápido, até ao fim. Em seguida, eu comprar *outro* para nós. Depois, a partir daqui, ser sempre *preço de amigo,* para o senhor e para mim também. Assim, não haver problemas, está bem?

Eu ri, e ele riu comigo. Envolvi-lhe os ombros com o braço e conduzi-o para a azáfama fumarenta e deliciosa do movimentado restaurante.

– Lin, parece-me que eu ser seu amigo muito bom – decidiu Prabaker, sorrindo de contentamento. – Nós ser companheiros afortunados, sim?

– Talvez! – respondi. – Talvez!

Horas mais tarde, deitei-me numa escuridão confortável, ao som ininterrupto de uma ventoinha de tecto. Estava cansado, mas não conseguia dormir. Sob as janelas do meu quarto, a rua que fervilhara e labutara durante o dia estava agora silenciosa, subjugada pela atmosfera da noite abafada e húmida. Imagens surpreendentes e enigmáticas da cidade surgiam e dançavam-me na mente como folhas levadas pelo vento, e a minha natureza, emocionada com esperança e oportunidades, impedia-me de reprimir um sorriso ali deitado no escuro. Ninguém no mundo que deixara para trás sabia onde eu estava.

Ninguém, no novo mundo de Bombaim, sabia quem eu era. Naquele momento, naquela penumbra, sentia-me quase seguro.

Pensei em Prabaker e na promessa que me fizera de voltar, de manhã cedo, para começar as minhas excursões pela cidade. E *virá?,* perguntei a mim mesmo. *Ou vê-lo-ei algures mais tarde a passear com outro turista recém-chegado?* Decidi, com a vaga e impessoal indiferença dos solitários, que, se ele fosse de confiança e regressasse na manhã seguinte, começaria a gostar dele.

Pensei na mulher, Karla, uma e outra vez, surpreendido por o seu rosto sereno e sério me invadir o espírito com tanta persistência. *Se for ao Leopold's, talvez venha a descobrir.* Fora a última coisa que me dissera. Não sabia se era um convite, um desafio ou um aviso. O que quer que fosse, pretendia levá-lo a sério. Queria ir lá e procurá-la. Mas não ainda, não antes de ter aprendido um pouco mais sobre a cidade que ela tão bem parecia conhecer. *Esperarei uma semana,* pensei. *Uma semana na cidade.*

E para além dessas reflexões, como sempre, em órbitas fixas em torno da esfera fria da minha solidão, estavam os pensamentos sobre a minha família e amigos. Sem fim. Inalcançáveis. Não havia uma única noite em que não pensasse no preço que tivera de pagar pela minha liberdade e em tudo o que havia perdido. Todas as noites imaginava a vergonha que a minha liberdade lhes provocava, a eles, os amigos que tinha a certeza nunca mais voltar a ver.

– Podíamos ter regateado, sabes? – disse o canadiano alto do seu canto escuro, no lado mais distante do quarto, a voz cortando o silêncio como pedras lançadas num telhado de zinco. – Podíamos ter regateado com o gerente o preço deste quarto. Isto está a custar-nos seis dólares por dia. Podíamos ter baixado para quatro. Não é muito dinheiro, mas é o modo como fazem as coisas aqui. Tens de regatear com estes sujeitos e negociar tudo. Amanhã, nós partimos para Deli, mas tu vais cá ficar. Falámos sobre isto antes, quando saíste, e estamos um pouco preocupados contigo. Tens de regatear, meu. Se não aprenderes isso, se não começares a pensar assim, eles lixam-te. Os indianos nas cidades são verdadeiros mercenários. É um grande país, não me interpretes mal. Por isso voltámos. Mas são diferentes de nós. Eles são... diabo, eles esperam que o façamos, é isso. Tens de regatear.

Ele tinha razão quanto ao preço do quarto, claro. Poderíamos ter poupado um ou dois dólares por dia. Regatear é o mais económico e, na maioria dos casos, o modo mais sensato para nos orientarmos na Índia.

No entanto, ele também estava errado. Nos anos que se seguiram, Anand, o gerente, e eu tornámo-nos bons amigos. O facto de eu ter confiado nele à primeira vista e não ter regateado, de não lhe ter tentado roubar um dólar nesse

primeiro dia, de ter confiado no meu instinto, que o respeitou, e de estar disponível para gostar dele, enalteceu-me a seus olhos. Ele confirmou-mo, mais do que uma vez. Ele sabia, tal como nós, que seis dos nossos dólares não eram um preço extravagante para três estrangeiros. Os donos de hotel recebiam diariamente quatro dólares por quarto. Isso era a base. O dólar ou dois acima daquele mínimo eram tudo o que Anand e o seu pessoal de três camareiros compartilhavam como salário diário. As pequenas vitórias regateadas por turistas estrangeiros custavam a Anand o seu ganha-pão e a hipótese de o conhecer como um amigo.

A verdade sobre a Índia e os Indianos é que, quando se vai lá e se lida com eles, o coração nos guia sempre mais sabiamente do que a cabeça. Não há lugar nenhum no mundo onde esta verdade seja tão absoluta.

Eu não o sabia, então, ao fechar os olhos no silêncio escuro e vivo naquela primeira noite em Bombaim. Seguia o meu instinto e abusava da sorte. Não desconfiava que já havia dado o meu coração à mulher e à cidade. E ignorando-o, adormeci, antes que o sorriso me morresse nos lábios, num sono suave e sem sonhos.